

PHILIP ROTH

Os fatos

A autobiografia de um romancista

Tradução

Jorio Dauster



Copyright © 1988 by Philip Roth
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

The Facts: A Novelist's Autobiography

Capa

João Baptista da Costa Aguiar

Preparação

Ciça Caropreso

Revisão

Huendel Viana

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip

Os fatos : a autobiografia de um romancista / Philip Roth ; Tradução Jorio Dauster. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original: The Facts : A Novelist's Autobiography

ISBN 978-85-359-2786-3

1. Romancistas norte-americanos – Século 20 – Biografia 2. Roth, Philip I. Título.

16-05712 CDD-813.54

Índice para catálogo sistemático:

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARTZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 - São Paulo -

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

twitter.com/cjadasletras

Caro Zuckerman,

No passado, como você sabe, os fatos não foram mais que anotações num caderno, meu aprendizado em matéria de ficção. Para mim, como para a maioria dos romancistas, todos os eventos genuinamente imaginativos têm origem lá, nos fatos, em coisas concretas e não ideológicas ou abstratas. No entanto, para minha surpresa, parece que agora comecei a escrever um livro realmente de trás para a frente, pegando aquilo que já imaginei e, por assim dizer, desidratando-o a fim de restaurar minha experiência original, a realidade pré-ficcional. Por quê? Será para provar que há um abismo significativo entre o escritor autobiográfico que dizem que sou e o escritor autobiográfico que de fato sou? Para provar que a informação que colhi da minha vida era incompleta na ficção? Se isso fosse tudo, não creio que teria me dado ao trabalho, uma vez que leitores argutos, caso tivessem interesse suficiente, seriam capazes de compreendê-lo por conta própria. Nem ninguém encomendou este livro ou pediu uma autobiografia de Roth. A encomenda, se houve, foi feita trinta

anos antes, quando certos líderes de minha comunidade judaica desejaram saber quem era o tal garoto que escrevia aquelas coisas.

Não, o impulso parece ter tido origem em outras necessidades e, ao lhe enviar este manuscrito — pedindo que me diga se acha que devo publicá-lo —, cumpre explicar o que me terá levado a apresentar-me assim sem disfarce. Até hoje sempre utilizei o passado como base para uma transfiguração, entre outras coisas como uma espécie de intrincada explicação de meu mundo para mim mesmo. Por que me expor sem transfigurações diante das pessoas, quando em geral, no mundo imaginário, me abstive de divulgar sem disfarces minha vida íntima perante uma audiência séria ou de me tornar uma personalidade midiática? No pêndulo da autoexibição, que oscila entre o agressivo exibicionismo de Mailer e o retraimento radical de Salinger, ocupo uma posição intermediária, tentando resistir, na arena pública, à curiosidade ou ao pavoneamento gratuitos sem fazer do sigilo e da reclusão algo sagrado demais. Sendo assim, por que decidir pela visibilidade biográfica agora, especialmente quando fui treinado para crer que a realidade independente da ficção é tudo que existe de importante e que os escritores deveriam se manter na sombra?

Bem, em primeiro lugar, a pessoa que pretendi tornar visível neste momento foi, sobretudo, eu mesmo. Depois dos cinquenta, precisamos encontrar meios de nos tornar visíveis a nós mesmos. Chega uma hora, como aconteceu comigo há alguns meses, em que me vi de repente num estado de absoluta confusão, sem entender o que antes era óbvio para mim: por que faço o que faço, por que moro onde moro, por que compartilho minha vida com a pessoa que vive comigo? Minha escrivaninha se tornou um lugar estranho, assustador, e, ao contrário de outros momentos similares em que velhas estratégias deixaram de funcionar — seja pelos problemas práticos do cotidiano que todos

enfrentamos, seja pelas dificuldades inerentes ao ofício de escritor, e eu estava engajado ativamente num caminho de renovação —, fui levado a crer que não teria condições de me reconstruir mais uma vez. Não apenas me senti incapaz de me reconstruir, mas senti como se estivesse me desfazendo.

Estou falando de um colapso nervoso. Embora não seja necessário entrar em detalhes aqui, vou lhe dizer que na primavera de 1987, depois de dez anos de criatividade, o que devia ser uma cirurgia de pequeno porte virou um martírio que, desembocando numa depressão extrema, me levou às raias da dissolução emocional e mental. Foi no período de reflexão depois do colapso, com a clareza que acompanha a remissão de qualquer doença, que, de modo inteiramente involuntário, comecei a dedicar muito de minha atenção aos mundos de que me distanciara havia décadas — relembrando de onde eu saíra e como tudo tinha se iniciado. Quando a gente perde algum objeto, diz: “Está bem, vamos refazer todos os passos. Entrei em casa, tirei o paletó, fui para a cozinha” etc. etc. A fim de recuperar o que tinha perdido, eu precisava voltar ao momento original. Não encontrei um momento original, mas uma série de momentos, uma história de origens múltiplas, e foi isso que escrevi aqui, no esforço de me reapropriar da vida. Nunca tinha mapeado minha existência dessa forma porque, como eu disse, eu só buscava aquilo que podia ser transformado. Aqui, a fim de voltar à minha vida pregressa, a fim de recobrar a minha vitalidade e me transformar em mim mesmo, comecei a relatar as experiências sem transmudá-las.

Talvez nem fosse em mim mesmo que eu quis me transformar, mas no rapaz que fui quando entrei para a universidade, no menino cercado por seus vizinhos compatriotas no pátio da escola — de volta ao ponto de partida. Depois do colapso nervoso, vem a gratificante reentrada no dia a dia, e isso significou minha vida no sentido mais rotineiro. Suponho que eu quisesse voltar ao ponto

de um Roth mais comum e, ao mesmo tempo, reencenar aqueles encontros de formação, recapitular as primeiras escaramuças, regressar àquele momento eufórico em que o lado hiperativo de minha imaginação alçou voo e me tornei um escritor; beber de novo do poço original, não em busca de substância, mas para rever o lançamento, o relançamento: esgotado o combustível, de volta ao reservatório do sangue mágico. Como você, Zuckerman, que renasce em *O avesso da vida* graças à sua esposa inglesa, como seu irmão, Henry, que busca renascer em Israel com seus fundamentalistas da Cisjordânia, como vocês dois no mesmo livro milagrosamente conseguiram ressuscitar depois de mortos, eu também estava pronto para outra chance. Se, enquanto escrevia, era incapaz de ver com precisão aonde queria chegar, agora sei: este manuscrito contém o avesso da *minha* vida, o antídoto e a resposta para todas aquelas ficções que culminaram em sua criação, Zuckerman. Se de certo modo *O avesso da vida* pode ser lido como uma ficção sobre a estrutura, então isto aqui são os ossos descarnados, a estrutura de uma vida sem a ficção.

Na verdade, as duas obras mais ou menos longas de ficção sobre você, escritas no decorrer de uma década, foram provavelmente o que me indispôs a continuar me retratando através da ficção, cansado de gerar um ser cuja experiência era comparável à minha e, não obstante, registrava uma valência mais potente, uma vida mais cheia de energia e vigor, mais divertida que a minha... a qual na realidade quase toda transcorreu sem maiores diversões, sozinho num quarto com uma máquina de escrever. Eu estava exaurido por causa das regras que eu mesmo estabelecia — por ter de imaginar coisas que não tinham acontecido exatamente daquele jeito comigo, ou coisas que nunca tinham acontecido comigo, ou coisas que possivelmente nunca teriam acontecido comigo acontecendo com um representante meu, com uma projeção de mim, com um outro eu. Se este manuscrito

significa alguma coisa, essa coisa é meu cansaço com as máscaras, com os disfarces, com as distorções e as mentiras.

Obviamente, mesmo sem o colapso nervoso e a necessidade de autoinvestigação que ele gerou, eu talvez fosse incapaz, neste momento, de chicotear os fatos suficientemente para tornar a vida real mais instigante. Remoer a experiência, embelezar a experiência, rearrumar e expandir a experiência numa espécie de mitologia — depois de trinta anos fazendo isso, pareceria que, na melhor das circunstâncias, já era hora de parar. Desmistificar-me e dizer a verdade, descrever os fatos tal como vividos bem que poderia ser a próxima coisa a fazer — senão a única que eu *poderia* fazer — enquanto achavam-se à beira da ruína a capacidade de me autotransformar e, com ela, a imaginação. Nem havia outra escolha, na medida em que tudo mais em mim, que também entrara em colapso, intuiu que escrever sem retoques e somente sobre coisas específicas contribuiria para reaver o que eu tinha perdido, um meio de recuperação e o caminho para me fortalecer. Eu necessitava de clareza tanto quanto pudesse obter — a desmistificação como forma de cura.

Isso não quer dizer que eu não tenha tido de resistir ao impulso de dramatizar falsamente aquilo que não era dramático o bastante, de complicar o que em essência era simples, de sugerir implicações onde não havia outras conotações — a tentação de abandonar os fatos quando eles não eram tão convincentes quanto outros que eu seria capaz de imaginar se, de alguma forma, pudesse me obrigar a superar a fadiga de criar ficções. Mas em geral foi mais fácil do que eu pensava escapar daquilo que me sentia obrigado a fazer quase todos os dias de minha existência antes do colapso nervoso. Talvez porque, devido a seu caráter sereno e modesto, a abordagem não ficcional tenha me trazido para mais perto de como as experiências foram realmente *sentidas*, bem mais do que quando eu acendia uma chama embaixo de

minha vida para fundir histórias a partir de tudo que conhecia. Não estou sugerindo que haja uma espécie de existência na ficção que não existe na vida real ou vice-versa, mas apenas que um livro que retrata fielmente os fatos, uma destilação dos fatos que dispensa a fúria da imaginação, pode revelar significados que a tarefa de transformá-los em ficção obscureceu, distorceu e até mesmo inverteu, gerando por vezes efeitos emocionais intensos.

Reconheço que uso a palavra “fatos” nesta carta em sua forma idealizada e de modo muito mais simplório do que desejo expressar com o título. Sem dúvida, os fatos nunca vêm simplesmente até as pessoas, mas são incorporados por uma imaginação formada por experiências anteriores. As lembranças do passado não são lembranças de fatos, mas lembranças de como os fatos foram imaginados. É algo ingênuo que um romancista como eu fale em se apresentar “sem disfarces” e em retratar “uma vida sem a ficção”. Também corro o risco de cometer uma simplificação exagerada, e de um tipo que odeio, ao anunciar que a busca dos fatos pode ter sido uma espécie de terapia para mim. Pesquisamos nosso passado com certas perguntas em mente — na verdade, pesquisamos o passado para descobrir que fatos nos levaram a formular tais perguntas. Não é que numa autobiografia subordinemos nossas ideias à força dos fatos, mas que construímos uma sequência de histórias para amarrar os fatos com uma *hipótese* persuasiva que desvele o significado da nossa história. Suponho que chamar este livro de *Os fatos* suscite tantas perguntas, que eu teria conseguido ser ao mesmo tempo menos irônico e mais irônico se o tivesse intitulado de *Fugindo às perguntas*.

Uma observação final sobre as agruras que cercaram *Os fatos*, e depois você poderá lê-lo sem ser incomodado. Embora eu não tenha certeza absoluta, me pergunto se este livro foi escrito apenas devido à exaustão de criar lendas ficcionais sobre mim e como uma reação terapêutica espontânea ao meu colapso ner-

voso; talvez tenha servido também como um paliativo pela perda de uma mãe que ainda hoje, em minha mente, morreu de forma inexplicável — com setenta e sete anos, em 1981 —, assim como para criar ânimo enquanto me aproximo mais e mais de um pai com oitenta e seis anos que vê o fim da vida tão perto de seu rosto quanto o espelho diante do qual se barbeia (exceto que aquele outro espelho está lá dia e noite, bem na frente dele o tempo todo). Mesmo que isto possa não ser evidente para os outros, creio que, subliminarmente, a morte de minha mãe tem forte presença em tudo que escrevi aqui, assim como observar meu pai previdente se preparando para a ausência de um futuro, um homem saudável, porém muito idoso, lidando com sentimentos provocados por uma enfermidade incurável, porque, como todos que sofrem de doenças incuráveis, os idosos sabem tudo sobre a morte, a não ser o dia exato em que ela virá.

Pergunto-me se a erupção da saudade dos pais induzida pelo colapso nervoso num homem de cinquenta e cinco anos não é, de fato, a pedra de roseta deste manuscrito. Pergunto-me se não houve algum consolo, sobretudo enquanto recobrava meu equilíbrio, em relembrar que, quando os eventos aqui narrados aconteceram, todos nós estávamos lá, ninguém havia partido nem se encontrava prestes a partir para nunca mais ser visto nas próximas centenas de milhares de bilhões de anos. Pergunto-me se não extraí considerável consolo por reposicionar-me num ponto da vida em que não era necessário confrontar a tristeza que pode resultar da morte dos pais, quando esse sofrimento não era percebido nem suspeitado e a minha própria morte simplesmente inconcebível porque eles serviam de anteparo.

Acho que isso é tudo que pode estar por trás deste livro. A pergunta agora é: por que alguém, além de mim, deveria lê-lo, principalmente se admito que o leitor poderá conhecer vários acontecimentos sob outros auspícios? Principalmente porque me

considero outra vez em sintonia com meus objetivos e de bem com a vida em parte por causa desse esforço. Principalmente porque este livro parece ser aquele que até hoje escrevi de forma *inconsciente* e que soa para mim mais como algo dito por um jovem de vinte e cinco anos do que pelo escritor de meus livros sobre você. Principalmente porque a publicação me deixaria exposto de um modo que eu na realidade não desejo ficar.

Há também o problema de expor outras pessoas. Ao escrever, quando comecei a me sentir cada vez mais desconfortável por estar confessando coisas íntimas diante de *todo mundo*, voltei atrás e mudei várias vezes o nome de algumas pessoas com quem estive envolvido, além de alterar alguns detalhes identificadores. Não por acreditar que as modificações garantiriam anonimato completo (elas jamais tornariam essas pessoas anônimas para os seus e para os meus amigos), mas porque dariam a elas um mínimo de proteção a fim de não serem acossadas por desconhecidos.

Além dessas considerações, que tornam a publicação problemática para mim, cabe a pergunta: será o livro suficientemente bom? Eu não saberia dizer, porque *Os fatos* significaram mais para mim do que pareceria óbvio e porque nunca trabalhei sem que minha imaginação fosse excitada por alguém como você, e também Portnoy, Tarnopol ou Kepesh.

Seja franco.

Sinceramente,
Roth

Prólogo

Certo dia, em fins de outubro de 1944, fiquei pasmo ao encontrar meu pai, que em geral começava a trabalhar às sete e em muitas noites só parava às dez, sentado à mesa da cozinha no meio da tarde. Ele estava indo para o hospital, numa emergência, a fim de remover o apêndice. Embora já tivesse feito a mala, tinha esperado que meu irmão, Sandy, e eu voltássemos da escola para nos dizer que não ficássemos alarmados. “Não é nada”, assegurou, embora todos nós soubéssemos que dois irmãos dele haviam morrido na década de 1920 devido a complicações causadas por apendicectomias complicadas. Minha mãe, que naquele ano presidia a associação de pais e mestres de nossa escola, por um desses acasos do destino iria pernoitar em Atlantic City por causa de uma convenção estadual daquelas associações. Meu pai, no entanto, tinha telefonado para o hotel a fim de lhe dar a notícia, e ela imediatamente começou a preparar sua volta para casa. Isso ressolveria tudo. Eu tinha certeza de que a engenhosidade doméstica de minha mãe era páreo para a de Robinson Crusoé, e nem Florence Nightingale poderia cuidar

melhor de nós quando caímos doentes. Como era comum em nossa casa, tudo agora estaria sob controle.

Quando o trem chegou a Newark naquela noite, o cirurgião tinha aberto a barriga de meu pai, visto o horror que havia lá dentro e perdido a esperança de salvá-lo. Com quarenta e três anos, ele foi posto na lista dos pacientes em estado crítico, com uma chance de sobrevivência de menos de cinquenta por cento.

Só os adultos sabiam como a coisa estava feia. A Sandy e a mim foi permitido continuar acreditando que um pai era indestrutível — e o nosso provou que era. Apesar de um temperamento muito emotivo que o torna presa de preocupações incontroláveis, a vida dele tem se caracterizado pela capacidade de renascer das cinzas. Não conheço intimamente nenhuma outra pessoa — além de mim e do meu irmão — capaz de exibir mudanças de humor tão rápidas e tão extremas, ninguém que viva algum infortúnio de forma tão intensa, que sofra de modo tão ostensivo algum contratempo, mas que, tendo o golpe reverberado até a medula dos ossos, reaja depois com tamanha agressividade, recupere o terreno perdido e siga em frente outra vez.

Ele foi salvo pelo novo pó de sulfa, desenvolvido nos primeiros anos da guerra para tratar ferimentos sofridos nos campos de batalha. Não obstante, sobreviver foi uma tremenda provação, a debilidade causada pela peritonite quase fatal acabou agravada por uma crise de soluços que durou dez dias, durante os quais ele não conseguiu dormir nem manter a comida no estômago. Depois de perder uns catorze quilos, seu rosto murcho revelou-se para nós uma réplica do de minha avó quando idosa, com as feições da mãe que ele e todos os seus irmãos adoravam (quanto ao pai — lacônico, autoritário, distante, um imigrante que estudara na Galícia para ser rabino, mas que trabalhava nos Estados Unidos numa fábrica de chapéus — os sentimentos dele eram mais confusos). Bertha Zahnstecker Roth era uma mulher

simples e bondosa, com hábitos trazidos de sua terra natal; embora não fosse dada a melancolias ou reclamações, sua expressão facial deixava claro que ela não acalentava nenhuma ilusão sobre a facilidade da vida. A semelhança de meu pai com sua mãe só não pareceria tão impressionante quando ele chegou aos oitenta anos, e também depois, quando se envolveu numa luta que roubou de um velho fisicamente jovem sua aparente invulnerabilidade, deixando-o perplexo nem tanto pelos problemas de visão e pela dificuldade de caminhar que limitaram em muito sua autossuficiência, mas porque se sentiu de repente abandonado por aquela cúmplice magistral e suplantadora de obstáculos que era a sua determinação.

Quando o levaram para casa, de carro, vindo do Hospital Beth Israel, de Newark, depois de seis semanas de internação, ele mal teve forças, mesmo com nossa ajuda, para subir a pequena escada dos fundos que levava ao nosso apartamento no segundo andar. Era um dia frio de dezembro de 1944, mas a luz do sol, penetrando pelas janelas, iluminava o quarto de nossos pais. Sandy e eu entramos para falar com ele, os dois tímidos e agradecidos, além de, naturalmente, surpresos com sua aparência depauperada, sentado sem forças num canto e na única cadeira do aposento. Ao ver seus filhos ali, juntos, meu pai não conseguiu se controlar e começou a chorar. Ele estava vivo, o sol brilhava, sua mulher não tinha enviuvado nem seus meninos ficado órfãos — a vida familiar iria ser retomada. Não era de estranhar que um garoto de onze anos fosse incapaz de compreender as lágrimas de seu pai. Eu simplesmente não conseguia ver, como ele sem dúvida via, de que maneira e por que tudo poderia ter terminado de forma diferente.

Eu só conhecia dois meninos em nossa vizinhança cujos pais haviam morrido, e os considerava tão infelizes quanto a garota cega que frequentou nossa escola por algum tempo e tinha que

ser guiada de um lugar para o outro e ter alguém lendo os livros para ela. Os meninos órfãos pareciam quase igualmente marcados e diferenciados; depois da morte de seus pais, eles me causavam medo e representavam uma espécie de tabu. Embora um fosse muito obediente e o outro um criador de casos, tudo que os dois faziam ou diziam parecia determinado pelo fato de eles não terem pai e, mesmo tendo chegado a essa conclusão de forma ingênua, eu provavelmente estava certo.

Eu não conhecia nenhuma criança cuja família tivesse sido dividida por um divórcio. Fora das revistas de cinema e das manchetes dos jornais sensacionalistas, isso não existia, e certamente não na nossa comunidade judaica. Judeus não se divorciavam — não porque o divórcio fosse proibido pela lei judaica, mas porque eles eram assim. Se os pais judeus não chegavam em casa bêbados e batiam em suas mulheres — e em nossa vizinhança, onde para mim só viviam judeus, eu nunca soube de nenhum que tivesse agido dessa maneira —, isso também se devia ao fato de eles serem assim. Na nossa tradição, a família judia era um abrigo inviolável contra qualquer tipo de ameaça, desde o isolamento pessoal até a hostilidade dos góis. Apesar de eventuais atritos e disputas internas, dava-se como certo seu laço indissolúvel. *Ouve, Israel, a família é Deus, a família é Uma.*

A indivisibilidade da família, o primeiro mandamento.

No final da década de 1940, quando o irmão mais novo de meu pai, Bernie, anunciou a intenção de se divorciar da mulher com quem tinha duas filhas e estava casado havia quase vinte anos, minha mãe e meu pai ficaram tão perplexos como se ele tivesse matado alguém. Se Bernie houvesse cometido um assassinato e fosse condenado à prisão perpétua, eles provavelmente o apoiariam, apesar do fato abominável e inexplicável. Mas quando ele decidiu não apenas se divorciar mas fazer isso para se casar com uma mulher mais jovem, o apoio deles foi dado imediatamente.

mente às “vítimas”, à cunhada e às sobrinhas. Por sua transgressão, pela traição à mulher, às filhas e a todo o clã — descumprindo o dever dele como judeu e como um Roth —, Bernie foi objeto de uma condenação praticamente absoluta.

Essa ruptura familiar só começou a ser superada quando o tempo revelou que ninguém tinha sido destruído pelo divórcio. Na verdade, ainda que angustiadas pelo rompimento, a ex-mulher de Bernie e suas duas filhas nem de longe ficaram tão indignadas quanto os outros parentes. A superação se deveu em grande parte ao próprio Bernie, um homem mais diplomático que a maioria de seus juízes, mas também ao fato de que para meu pai as exigências da solidariedade familiar e os vínculos resultantes da história da família excediam até mesmo *seu* instinto repressors. No entanto, passaram-se quarenta e tantos anos até os dois irmãos se abraçarem avidamente, num gesto indisfarçável de plena reconciliação. Isso ocorreu poucas semanas antes da morte de Bernie, com quase oitenta anos, quando seu coração se deteriorava rapidamente e ninguém, começando por ele mesmo, esperava que vivesse por muito mais tempo.

Eu tinha levado meu pai de carro para ver Bernie e sua mulher, Ruth, no condomínio em que viviam numa comunidade de aposentados no noroeste de Connecticut, a pouco mais de trinta quilômetros de minha casa. Agora era a vez de Bernie exibir o rosto de sua mãe estoica e sem ilusões. Quando nos recebeu à porta, lá estava aquela indefectível semelhança que parecia surgir em todos os irmãos Roth quando eles se encontravam em situação delicada.

Em condições normais, os dois teriam trocado um aperto de mãos, porém, quando meu pai pisou no hall, isso foi substituído por um abraço apertado que durou vários minutos e os deixou em prantos, tão claro era para os dois quanto tempo de vida restava a Bernie e por quantas décadas — aparentemente desde sempre

— eles tinham sido filhos de seus pais. Era como se estivessem dizendo adeus a todos que já haviam partido, assim como um ao outro, os dois filhos sobreviventes do austero chapeleiro Sender e da imperturbável *balabusta* Bertha. Seguro nos braços do irmão, Bernie parecia também dizer adeus a si próprio. Não havia mais nada de que se proteger, de que se defender, nenhum ressentimento, nem mesmo nada a relembrar. Apesar de suas dessemelhanças, naqueles irmãos, homens tão abalados por cargas idênticas de emoção familiar, todas as lembranças haviam sido destiladas sob a forma de um sentimento puro e quase intolerável.

Mais tarde, no carro, meu pai disse: “Não nos abraçávamos assim desde que éramos crianças. Meu irmão está morrendo, Philip. Eu costumava empurrá-lo no carrinho de bebê. Éramos nove, contando com meu pai e minha mãe. Vou ser o último a ir embora”.

Enquanto seguíamos para minha casa (onde ele ocupava o quarto dos fundos no andar de cima, dizendo sempre que dormia como uma criança), ele narrou as lutas de cada um de seus cinco irmãos — com bancarrota, doenças, parentes de cônjuges, brigas de casais, empréstimos não pagos, as filharadas com nomes como Goneril, Regan e Cordelia. Relembrou o martírio de sua única irmã, o que ela e toda a família tinham sofrido quando seu marido, o contador que gostava de corridas de cavalo, fora preso por causa de um desfalque.

Não era exatamente a primeira vez que eu ouvia aquelas histórias. Seu conhecimento se expressa através dessas narrativas e o repertório dele nunca foi muito grande: família, família, família, Newark, Newark, Newark, judeu, judeu, judeu. Um pouco parecido com o meu.

Quando criança, eu acreditava ingenuamente que sempre contaria com a presença de um pai, e a verdade é que parece que sempre contarei. Por mais incômodo que o convívio tenha sido vez ou outra, meu vínculo com ele vem sendo onipresente, apesar

de vulnerável às diferenças de opinião, a expectativas falsas e experiências de vida radicalmente diversas no país, tensionadas pela colisão de dois temperamentos impacientes e igualmente teimosos, e dificultadas também pela nossa falta de jeito no contato masculino. O mais importante, agora que ele não comanda mais minha atenção com seus bíceps volumosos e críticas morais; agora que ele não é mais o maior homem com quem preciso me confrontar — e quando eu mesmo estou perto de me tornar um idoso —, sou capaz de rir das piadas dele e de segurar sua mão, preocupando-me com seu bem-estar; sou capaz de amá-lo como desejei quando eu tinha dezesseis, dezessete e dezoito anos, quando, porém, tendo precisado lidar diariamente com ele e me sentindo em conflito com suas ideias, isso foi simplesmente impossível. *De todo* impossível, por mais que eu sempre o tenha respeitado por seu senso de responsabilidade e pela luta que conduzia dentro de um sistema que não escolhera. A essa altura eu talvez tenha até desempenhado o papel mitológico do menino judeu criado numa família como a minha — se tornar o herói que seu pai não conseguiu ser —, mas jamais como havia sido preeterminado. Depois de viver quase quarenta anos longe de casa, estou pronto, por fim, a ser o mais amoroso dos filhos — no entanto, exatamente na hora em que ele tem outro compromisso. Meu pai está tentando morrer. Não diz isso e muito provavelmente nem pense nisso com essas palavras, entretanto essa é agora sua tarefa, e, por mais que lute para sobreviver, ele sabe muito bem, como sempre fez, que trabalho tem pela frente.

Tentar morrer não é o mesmo que tentar se suicidar — na verdade pode ser mais difícil, porque o que a pessoa está procurando fazer é o que menos deseja que aconteça: o temor está ali, mas a tarefa se impõe e só pode ser executada pela própria pessoa. Duas vezes nos últimos anos ele quase conseguiu, ficando de repente tão doente que eu, que vivia metade do ano no exterior,

voei às pressas para os Estados Unidos, encontrando-o em tal estado de prostração que ele nem conseguia andar do sofá para perto da televisão sem se agarrar em todas as cadeiras do caminho. E, embora todas as vezes o médico não conseguisse encontrar nada de errado nele depois de exames cuidadosos, meu pai ia todas as noites para a cama esperando não despertar de manhã, e quando acordava no dia seguinte levava quinze minutos só para se sentar na beira da cama e mais uma hora para se barbear e se vestir. Depois, sabe Deus por quanto tempo, ficava curvado sem se mover sobre uma tigela de cereal que não lhe despertava nenhum apetite.

Eu tinha tanta certeza quanto ele que a hora chegara, mas em nenhuma das duas vezes meu pai teve êxito e, passadas algumas semanas, recuperou as forças e voltou a ser o homem de sempre, odiando Reagan, defendendo Israel, telefonando para os parentes, comparecendo aos enterros, escrevendo para os jornais, escutando William Buckley, vendo MacNeil-Lehrer na televisão, aconselhando os netos já crescidos, recordando com detalhes nossos mortos e, incansável e meticulosamente — e sem que lhe fosse pedido —, monitorando a ingestão de calorias da boa mulher com quem então vivia. Tudo indicava que, para ganhar essa parada, para tentar morrer e *conseguir*, seria preciso que ele trabalhasse mais duro que no ramo de seguros, onde obteve notável sucesso para um homem com suas desvantagens sociais e educacionais. Naturalmente, também nisso ele haveria de ter êxito cedo ou tarde — embora sem dúvida não fosse ser fácil, a despeito de seu retrospecto de assídua aplicação em todas as tarefas que lhe foram confiadas. Mas, afinal, nenhuma delas tinha sido fácil.

Desnecessário dizer que o vínculo com meu pai jamais foi tão voluptuosamente tangível quanto o laço colossal com a carne de minha mãe, cuja corporificação metamorfoseada era um lustroso casaco preto de pele de foca ao qual eu, o mais jovem, o privilegiado e paparicado caçulinha, me agarrava em êxtase quando meu

pai nos levava de carro de volta para nossa casa em Nova Jersey, num domingo de inverno, depois de nossa excursão semestral ao Radio City Music Hall e à Chinatown de Manhattan. Eu, o inominável animal que carregava o nome do falecido pai dela; eu, o protoplasma, o menino-criança, o escavador de corpos em treinamento, unido em cada extremidade nervosa ao sorriso dela e ao seu casaco de pele de foca, enquanto a resoluta devoção ao dever de meu pai, sua infatigável diligência, sua obstinação irracional e seus violentos ressentimentos, suas ilusões, sua inocência, suas lealdades e seus medos vieram a constituir o molde original para o americano, o judeu, o cidadão, o homem e até mesmo o escritor no qual eu me transformaria. Ser alguma coisa para mim é ser o Philip de minha mãe, mas, no embate com o mundo que nos atira de lá para cá, minha história ainda se deve ao impulso de ser o Roth de meu pai.